

IDENTIFICAÇÃO E ÓDIO EM “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM

Felipe Barata Amaral¹

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir a questão fraterna pela via da identificação em um recorte no romance “Dois Irmãos” de Milton Hatoum. Para tanto, realizamos um apanhado bibliográfico na obra de Freud e Lacan com o objetivo de compor um panorama acerca do modo como ambos os autores compreendem a questão fraterna e estabelecer um diálogo com a obra literária do escritor amazonense.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Psicanálise. Identificação. Ódio. Questão Fraterna.

¹ Doutorando em Psicologia pelo Programa em Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). Psicólogo clínico e docente da Faculdade Ideal (FACI). felipe.barata@yahoo.com.br Contato: (91) 98162-3068. <https://orcid.org/0000-0001-8580-6473>

A QUESTÃO FRATERNA EM FREUD

Freud, a partir de sua clínica, nos oferece uma preciosa contribuição acerca do papel do irmão mais novo diante da constituição psíquica do sujeito inconsciente. Para o trabalho, recorreremos a três textos freudianos: “Sobre as teorias sexuais infantis” (FREUD, [1908] 1976), “Uma recordação de infância em Poesia e Verdade” (FREUD, [1917] 2010) e “Batem numa criança – contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (FREUD, [1919] 2010).

Esta escolha de textos se deve ao movimento por eles empreendido: no primeiro surge o questionamento quanto a existência desse novo ser que se intromete na casa; no segundo, o intruso já está instalado e tenta-se, a todo custo, expulsá-lo sumariamente; no terceiro percebe-se que nenhum método de expulsão surtirá efeito, por isso este intruso deve ser punido violentamente por meio de uma surra fantasiada pelo irmão mais velho e perpetrada pelo pai.

Em 1908, no texto “Sobre as teorias sexuais infantis” (FREUD, [1908] 1976) encontramos um esboço acerca da condição instaurada nas crianças com o nascimento de irmãos mais novos: o ciúme. Sentimento expresso no questionamento “De onde vêm os bebês?”, ouvida por Freud como “De onde veio esse bebê intrometido?” (FREUD, [1908] 1976, p. 216). A entrada do filho mais novo na trama familiar é marcada pelo signo da intromissão, conforme enxerga o filho mais velho. A partir do conhecimento sobre os meandros do Complexo de Édipo, podemos pensar que o nascimento desse novo bebê coloca em risco a onipotência e a existência da díade mãe-filho. Ou seja, perder a posição de único filho e detentor de todo o carinho e amor parental deixa uma marca no narcisismo infantil que será de extrema valia no momento de derrocada do Eu ideal para a construção de um Ideal de Eu no lugar.

O segundo texto que nos auxilia a entender a relevância do irmão dentro da psicanálise é o ensaio “Uma recordação de infância em Poesia e Verdade” (FREUD, [1917] 2010). Nele, Freud pinça um episódio específico narrado por Goethe em sua autobiografia para poder discutir as implicações e significações do ato a partir da própria história do sujeito, e acaba brindando-nos com uma importante contribuição sobre o ódio e o ciúme na relação fraternal. O episódio que captura a atenção de Freud é uma brincadeira do jovem Goethe de lançar pela janela miniaturas de utensílios de cozinha afim de espatifá-las no chão da rua. Quando os pequenos

brinquedos se acabam, a criança busca as louças e pratos da cozinha para continuar sua brincadeira até que seus familiares interrompam o ato.

Neste momento, a clínica como lugar privilegiado da pesquisa psicanalítica e da produção de saber oferece um caminho para que Freud elucubre acerca da brincadeira do jovem Goethe. Certa vez, Freud atendera um paciente que em determinado momento da terapia narra um episódio no qual relata uma drástica mudança de comportamento frente a chegada de seu irmão mais novo. Ele como único filho era paparicado e toda atenção e amor eram apenas à ele direcionados. Porém, com o nascimento do irmão, ele sente-se preterido em relação a esse e, por conseguinte, mostra-se reativo. Ele passa a expressar seu descontentamento por meio de modos grosseiros, como por exemplo, atirar fora os pratos. O caso deste homem não apenas evidencia um sentimento de ciúme bastante claro, como também aponta para um possível redirecionamento deste para objetos externos (no caso ele feria animais de seu convívio que eram bastante estimados e queridos). Com isto, Freud reúne evidências que corroborem sua hipótese de o ato de lançar objetos pela janela seja uma demonstração clara de ciúmes cuja significação remeta ao desejo de expulsão do recém-chegado daquele lar que outrora ele dominava. Isto é, aquele que se intromete na casa e rouba a atenção da mãe deve ser expulso de uma maneira pouco decorosa.

No terceiro texto – escrito dois anos após a publicação do segundo –, Freud lança novas luzes sobre o ciúme infantil. Neste texto assim como em toda a teoria psicanalítica, o ciúme não se restringe apenas a figura do irmão ou irmã, mas a todo e qualquer indivíduo que se interponha a tentativa de simbiose entre mãe e filho. Outro ponto importante se refere as construções fantasísticas que permitem o escoamento deste sentimento. Tanto no texto de 1917 quanto neste de 1919, a criança lança mão de artifícios pautados na fantasia para encenar o sentimento de ódio, ciúme e inveja deste novo ser que tanto ocupa e encanta os pais. No texto “Batem numa criança” (FREUD, [1919] 2010), Freud se debruça sobre a ocorrência de fantasias de espancamentos em crianças pequenas que se apresentam por meio de três vias, porém apenas a primeira nos interessa.

A primeira fase se desdobra em um período bastante remoto da infância. Seu caráter é indefinido por isso não pode ser qualificado nem como sádico, nem como masoquista. A criança espancada não coincide com aquela que fantasia, pois é

identificada como uma irmã ou irmão mais novo e o agressor, inicialmente, é desconhecido para depois ser desvelado como o próprio pai. É definida pela frase: “Meu pai bate na criança que odeio” (FREUD, [1919] 2010, p.302). Ou seja, o pai impinge um castigo sobre a criança odiada pelo indivíduo que fantasia. Freud acredita o fantasiar de práticas violentas à necessidade de dividir com o irmão a atenção dos pais, que antes era inteira dedicada a ele. Já que a criança mais velha teve sua posição narcísica contestada ao sofrer uma grave derrota em sua onipotência, nada mais justo – de acordo com seu julgamento – do que castigar o mais novo por isto. Esta solução revela a voracidade das pulsões por meio da radicalidade das soluções infantis para o ciúme: o expulsar de casa e a violência do espancamento. Portanto, “a fantasia, evidentemente, satisfaz o ciúme da criança e depende da sua vida amorosa, mas é também vigorosamente apoiada por seus instintos egoístas” (FREUD, [1919] 2010, p. 305).

Essa contribuição freudiana nos permite ponderar sobre o lugar de intruso ocupado pelo irmão mais novo dentro da dinâmica edípica. Ele chega para romper um idílio amoroso entre a mãe e o até então único filho, obrigando-o a abandonar a posição de objeto do gozo materno

A IDENTIFICAÇÃO COM O INTRUSO

De acordo com o exposto acima, Freud nos auxilia a pensar sobre a existência do ciúme na relação fraternal no que tange aos cuidados maternos. Já Lacan, por sua vez, analisa a questão do estabelecimento dos laços fraternos pelo viés do “Complexo de intrusão”. Em poucas palavras, este complexo nominado por Lacan se refere a experiência de pertencimento do indivíduo a um grupo de semelhantes. Ou melhor, ela acontece no momento em que o sujeito “se reconhece como tendo irmãos” (LACAN, [1938] 2008, p. 27). Lacan retoma a trilha do ciúme indicada por Freud, mas dela derivará um novo sentido. Esta nova construção teórica parte de pesquisas, descritas ao longo do texto, que se empenharam em discutir a questão do ciúme entre irmãos para deles retirar a contribuição segundo a qual, “o ciúme, em sua essência, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (LACAN, [1938] 2008, p. 28).

Dessa forma, Lacan traz para a questão fraterna a ambivalência afetiva comum à psicanálise. O irmão mais velho não apenas direciona ódio e desejo de destruição

para o indivíduo recém-chegado que se apossa de seu lugar, mas também direciona um desejo de identificação. A coexistência dessas duas tendências é própria da situação na medida em que a relação fraternal se define “(...) não como um conflito entre dois indivíduos, mas, em cada sujeito, como um conflito entre duas atitudes opostas e complementares (...)” (LACAN, [1938] 2008, p. 29).

A partir do que fora delineado acima torna-se impossível definir quem é o indivíduo que odeia e quem é aquele que é odiado, ou aquele que busca a identificação e quem ocupa o lugar do outro. Trata-se de uma relação imaginária na qual cada indivíduo desempenha ambos os papéis. O que acontece é que “cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e com ele se identifica (...)” (LACAN, [1938] 2008, p. 29). O irmão representa, portanto, um objeto de investimento libidinal de caráter homossexual imbuído de amor, ódio e, principalmente, oferece-se como um objeto de identificação. Lacan revela que a agressividade proveniente do ciúme é preterida em relação a identificação. Fato que se mostra com clareza na situação fraterna primitiva na qual os filhos têm de constituir uma nova identidade após a morte do pai.

No que concerne a manifestação de tendências agressivas, o psicanalista francês afirma que estas têm de ter como pressuposto a identificação com o objeto da violência. Lacan revela a tendência sadomasoquista do ciúme na medida que a agressividade “é simultaneamente sofrida e posta em ato (*agie*), ou seja, sustentada por uma identificação ao outro, objeto de violência” (LACAN, [1938] 2008, p. 31). Na trilha do masoquismo reaparecem as tendências de cunho destrutivas com as quais Freud se serviu para construir a noção de pulsão de morte. Lacan ressignifica o sentimento de ciúme, que a primeira vista possuiria apenas componentes sádicos, ao expor a forte presença de aspectos masoquistas nele materializados por meio da identificação inicial e a posterior tendência agressiva.

Uma das vias para acessar esse desejo de destruição seria localizá-lo junto a angústia proveniente do desmame. Momento este que constitui uma marca a ser reproduzida futuramente nas brincadeiras infantis – a exemplo do *Fort-Da* descrito em “Além do Princípio do Prazer” (FREUD, [1920] 2011) – nas quais “(...) o sujeito assume, por seus primeiros atos de jogo, a reprodução desse mesmo mal-estar e, com isso, o sublima e o ultrapassa” (LACAN, [1938] 2008, p. 32). Esse movimento do masoquismo primário é reproduzido a partir da identificação com o irmão. Neste

momento, o objeto a ser destruído, como aponta Lacan ([1938] 2008), “é biologicamente indiferente; o sujeito abole gratuitamente, de algum modo pelo simples prazer, consumindo assim apenas a perda do objeto materno” (p. 32).

Trata-se de uma espécie de vingança cega quanto a quem arcará com as consequências do sujeito haver perdido seu objeto de desejo para todo o sempre. Aqui é onde podemos indicar que a agressividade é precedida pela identificação. O indivíduo elenca o irmão mais novo como alvo de suas investidas destrutivas pela simples proximidade e repetição da cena de conjunção através da maternagem e da amamentação que antes tivera ele como sujeito. A proximidade com o momento do desmame invariavelmente conduz a discussão acerca da relação com o outro para um importante episódio da teoria lacaniana: a constituição do Eu via Estádio do Espelho. Texto este – “O Estádio do Espelho como fundador da função do Eu” (LACAN, [1949] 1998) – escrito e publicado dez anos após “Os Complexos Familiares” (LACAN, [1938] 2008).

Esses dois textos mantêm uma conversa direta, pois possuem a constituição do Eu como matriz comum. A diferença reside no fato de o segundo texto elucubrar acerca de uma antecipação da imagem corporal por intermédio de um outro, que no caso do bebê é a mãe. É a partir da imagem unificada proveniente do outro que o sujeito se apreende enquanto corpo unificado. Isto é, o sujeito permanece alienado na imagem especular. Já o primeiro texto revela o quão necessária é a figura do irmão como responsável pelo rompimento da relação imaginária do bebê com a mãe, obrigando-o a se constituir enquanto Eu a partir de um novo registro. Esta é a grande característica desse complexo. O irmão não é apenas um intruso com conotação negativa, pois ele é o agente que força novas identificações e novos arranjos subjetivos no sujeito. De acordo com Kehl (2000), “(...) o irmão força o rompimento da prisão especular daquele que até então se via como *idêntico a si mesmo* – como objeto do desejo materno ou como sujeito identificado ao traço instituído pelo nome do pai (...)” (p. 36).

“DOIS IRMÃOS” E A DEMANDA IDENTIFICATÓRIA COM O INTRUSO

Até agora apresentamos um apanhado acerca da apreensão da figura do irmão e da relação fraternal para a psicanálise, ressaltando a importância desse outro para a constituição do sujeito. Todo este apanhado teórico fora realizado com o intuito de

fornecer um sólido lastro para discutirmos a questão fraterna em um texto literário. Para tanto, escolhemos o fabuloso romance “Dois Irmãos” do escritor amazonense Milton Hatoum cuja trama gira em torno de dois irmãos gêmeos univitelinos desde a sua infância até a idade adulta. Do romance utilizaremos apenas um recorte que nos possibilite enxergar com clareza a hipótese freudiana do irmão como intruso e o quanto isto é determinante para a virada do relacionamento deles.

Podemos localizar na infância a fase na qual a dinâmica de identificação e ciúmes típicas do Complexo de Intrusão se mostram sem grandes disfarces. É importante salientarmos que, apesar do relacionamento entre os gêmeos nunca ter sido amistoso, durante a infância ele ainda não possuía as cores do ódio da fase adulta. Todo esse panorama pode ser percebido se observarmos as brincadeiras infantis dos irmãos. Os dois disputavam tudo. A todo momento Omar (o gêmeo caçula) desafiava Yaqub como, por exemplo, nos momentos nos quais os dois subiam nas árvores. Enquanto o Caçula disparava rumo aos galhos mais altos, Yaqub “se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio” (HATOUM, [2000] 2006, p. 14).

Percebe-se que a todo momento existia uma espécie de competição. Ambos se desafiavam a realizar determinadas tarefas. Aliás, Omar – cômico das limitações de seu irmão – era o desafiante que instava Yaqub a tentar supera-lo ou, pelo menos, iguala-lo para depois comprazer-se ao desdenhar da derrota do irmão. Yaqub se ressentia pelas derrotas e por suas limitações. Pois, “(...) fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro (...). Sentia raiva de sua impotência (...)” (HATOUM, [2000] 2006, p. 14). É neste momento que enxergamos um lampejo de inveja e de ciúme.

Expliquemos o motivo de trazer a baila o sentimento de ciúme. Durante as traquinagens infantis, o Caçula gozava da potência de suas habilidades – fomentando, assim, a inveja de Yaqub – assim como figurava como o filho favorito e, por isso, mais mimado e desejado por Zânia, sua mãe. É esta condição de maior proximidade e enlaçamento com um outro, no caso a mãe, que permite o uso do termo ciúme. Caso contrário, estaríamos apenas circunscritos a ceara da inveja.

Voltemos ao caso dos dois irmãos. Yaqub “queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça

cheia de calombos; queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame (...)” (HATOUM, [2000] 2006, p. 14-15). Mas não conseguia. Tinha de reconhecer seus limites, pois, apesar de partilhar o mesmo rosto com o irmão, não partilhava suas habilidades. O irmão mais velho sente-se inferiorizado diante da força e do ímpeto do irmão poucos minutos mais novo.

O que fora descrito acima funciona como uma espécie de preâmbulo onde, se olharmos atentamente, podemos perceber que o jogo de forças entre os dois irmãos já continha o germe do sentimento de ódio responsável por alimentar a contenda futura. Defendemos a hipótese da ira entre os irmãos ser liberada a partir do momento em que um objeto de amor, desejado por ambos, entra em cena: Lívia, a menina loira sobrinha da família Reinoso.

Até então, eles contavam treze anos. Para Yaqub, esta idade representava uma marca divisória, pois “era como se a infância tivesse terminado no último baile no casarão dos Benemou” (HATOUM, [2000] 2006, p. 15). Partamos ao primeiro tempo da tragédia. Yaqub tinha a intenção de comemorar a festa de carnaval ao lado de Lívia no baile dos adultos, porém sua mãe interrompe momentaneamente seus planos ao pedir-lhe para conduzir Rânia – sua irmã – para casa, podendo retornar depois de concluída a tarefa. A volta ao baile fora apressada e desejosa pelo reencontro com a menina aloirada com lábios pintados de batom e os cabelos trançados adornados por lantejoulas. Porém esse retorno é marcado por um sentimento de angústia e perda, deixando-o “(...) trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava” (HATOUM, [2000] 2006, p. 15). A cena é tomada por fumos inquietantes na medida em que Yaqub se defronta com o enlace por ele imaginado, mas quem ocupava seu lugar fora seu duplo, Omar. Diante do ocorrido, “Yaqub ensombreceu” (HATOUM, [2000] 2006, p. 16), mas suplantou o aflorar de qualquer sentimento, recolhendo-se calado ao seu quarto.

Ao retornar da festa, Omar desfila seu orgulho de conquistador. Ele adentra o quarto do irmão e realiza o mesmo movimento de escárnio de quando o irmão estancava em um galho mais baixo das árvores enquanto o Caçula se empoleirava na parte mais alta. Ele parece vangloriar-se por meio do olhar dirigido ao corpo do irmão deitado e entregue ao sono enquanto ele ainda portava no corpo os resquícios da festa e do enamoramento com Lívia. Inicia-se, portanto, uma disputa para além daquelas traquinagens infantis cujo ápice veremos agora.

Adentramos, assim, no segundo tempo da relação fraterna no qual ódio se transforma em um motor para a deflagração de um ato violento endereçado ao outro. No último sábado de cada mês, Estelita Benemou realizava uma sessão de cinema destinada as crianças do bairro no porão de sua casa. Todas as crianças dos arredores participavam, inclusive os gêmeos. Para a festa, os irmãos “usavam um fato de linho e uma gravatinha-borboleta; *saíam iguais* [grifo nosso], com o mesmo penteado e o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa” (HATOUM, [2000] 2006, p. 20). O que os diferenciava? O que os caracteriza como sujeitos distintos? Imagetivamente, nada. Mais do que nunca, eles eram a imagem especular um do outro.

Neste dia o sentimento de ciúme ficara a cargo de Omar. Lívia direcionava olhares para ele, mas também ao irmão, deixando-o ressentido com a não exclusividade de seus carinhos depois do ocorrido no baile de carnaval. Para a fúria do Caçula, a menina ainda aceitara sentar-se na cadeira gentilmente reservada por Yaqub a seu lado. Aqui nos deparamos com uma dado novo, pois Lívia parecia jogar com ambos os irmãos, direcionando olhares e sorrisos para cada um dos dois. Seus encantos não passavam impunes entre os demais garotos da vizinhança, “mas ela gostava mesmo era dos gêmeos; olhava dengosa para os dois; às vezes, quando se distraía, olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha” (HATOUM, [2000] 2006, p. 21).

A sessão de cinema fluía normalmente até o momento em que um problema no gerador interrompe a sucessão de imagens, obrigando alguém a abrir uma janela para que o ambiente se iluminasse. Das trevas que reinaram no porão no curto intervalo entre o apagão e a abertura da janela emerge uma cena que chocaria Omar: um cálido beijo de Lívia no rosto de Yaqub. A cena vindoura se sucedeu em um átimo: “o barulho das cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula” (HATOUM, [2000] 2006, p. 22).

Omar desferira um golpe no rosto de Yaqub usando o gargalo de uma garrafa quebrada, rasgando-lhe um semicírculo em uma das faces. Hatoum ([2000] 2006) equipara o crescimento e a aparição do ferimento com o aflorar de um sentimento até então não nominado e supostamente desconhecido, conscientemente. O autor afirma que “a cicatriz já começava a crescer no rosto de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum

sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornariam a falar um com o outro” (HATOUM, [2000] 2006, p. 22)

Este é o momento de corte. Se antes a relação dos irmãos era claudicante e flertava entre o ódio, a inveja e o ciúme, agora está rompida de uma vez. O golpe deflagrado contra Yaqub não alvejara apenas seu rosto, mas a relação de ambos, expondo, metaforicamente, tudo o que se ocultava no interior de cada um. O ódio se sobrepõe a relação fraternal, de uma vez por todas.

Logo acima, localizamos a entrada de uma terceira pessoa na relação como o ponto-chave para a virada na relação dos irmãos. Aqui não se trata de Zana, a mãe que sustenta uma relação quase simbiótica com o filho mais novo. Até porque a união com esta já fora para sempre vetada por conta da introjeção da lei paterna pela via da castração. Portanto, a perda do objeto de desejo – que primordialmente é a mãe – tem de ser elaborada e em seu lugar depositado um novo objeto: o objeto de amor, Lívia. A partir da aparição da garota no livro, o que antes se resumia a uma relação fraternal febril, passa, assim, a receber as cores do ódio, do ciúme desenfreado e da frustração.

Obviamente que os irmãos possuem um arranjo psíquico diferente daquele presente no sujeito que vivencia as etapas da constituição do Eu descritas no episódio do Estádio do Espelho e no Complexo da Intrusão. Aos treze anos de idade, eles já vivenciaram os conflitos edípicos e dele saíram com a marca da castração, passaram pela latência e encontram-se na revivescência daqueles conteúdos agora na adolescência. Os personagens da trama de Milton Hatoum não são duas crianças pequenas que precisem apelar para a fantasia de onipotência para obliterar qualquer tipo de ameaça, mas dois adolescentes plenamente capazes de direcionar ao outro qualquer tipo de ato que visasse sua destruição.

Diante deste panorama, aventamos a possibilidade dos gêmeos estarem enfrentando uma espécie de revivescência de alguns dos conflitos presentes no Complexo de Intrusão deslocados para a adolescência no que concerne ao embate pela restauração da posse do objeto amado. Porém, o irmão que antes antecipara uma função, agora desponta como aquele que ameaça a própria integridade do Eu.

A ameaça infligida pelo irmão funciona tal qual aquela proveniente do duplo como aponta Freud no texto “O Inquietante” (FREUD, [1919] 2011). Este caráter ameaçador pode ser entendido como uma constante na trama tendo em vista que ele não assombra apenas a Yaqub, mas também, Omar. Trata-se de um temor mútuo.

Prova disso eram as constantes tentativas de demonstrar sua superioridade em relação ao irmão. Isto é, o esforço contínuo em vencer aquele duplo, explicitando seu fracasso.

O que percebemos diante da conturbada relação dos gêmeos é o modo como eles se parecem intrusos da própria imagem. Não é apenas um outro mais novo que demanda cuidados como no Complexo de Intrusão descrito por Lacan, mas um outro muito parecido, igual ao Eu, um duplo que parece querer usurpar tudo o que é do Eu por direito. Por isso a passagem ao ódio desenfreado como uma tentativa de afastá-lo e destruí-lo. O irmão, duplo por excelência, passa a significar a tentativa de apossar-se de identidade do Eu enquanto seu homônimo. O que poderia remeter a continuidade ou uma garantia narcísica, passa a remeter a cobiça quanto a posse do objeto amado e a perda da unidade do Eu. Daí o corte!

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1919) “*Batem numa criança*”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In Obras Compelas, volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. (1920) *Além do Princípio do Prazer*. In Obras Compelas, volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. (1908) *Sobre as teorias das crianças*. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1917) *Uma recordação de infância em Poesia e Verdade*. In Obras Compelas, volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KEHL, M. R. *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LACAN, J. (1949) *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica*. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. (1938) Os complexos familiares. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

IDENTIFICATION AND HATE IN “TWO BROTHERS” BY MILTON HATOUM

ABSTRACT

The present work aims to discuss the fraternal question in a cut in the novel "Dois Irmãos" by Milton Hatoum. In order to do so, we make a bibliographical survey of the work of Freud and Lacan in order to compose a panorama about the way both authors understand the fraternal question and establish a dialogue with the literary work of the Amazonian writer.

KEYWORDS: Literature. Psychoanalysis. Identification. Hate. Fraternal Question.

IDENTIFICATION ET HAINE DANS LES “DEUX FRÈRES” DE MILTON HATOUM

RÉSUMÉ

Le present travail vise à discuter de la question fraternelle au moyen de l'identification dans un extrait du roman “Deux Frères” de Milton Hatoum. Pour cela, nous avons réalisé une enquête bibliographique sur l'œuvre de Freud et Lacan afin de composer un panorama de la manière dont les deux auteurs appréhendent la question fraternelle et établissent un dialogue avec l'œuvre littéraire de l'écrivain amazonien.

MOTS-CLÉS: Littérature. Psychanalyse. Identification. Haine. Question Fraternelle.

RECEBIDO EM 23/04/2021

APROVADO EM 10/11/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO